

Fazer escola: sobre a origem e a atualidade da Sociologia da Literatura¹

Christine Magerski²

Resumo: A sociologia da literatura não é uma disciplina, mas sim uma problemática voltada para a relação entre literatura e sociedade. Assim, ela passou por um desenvolvimento descontínuo, que somente ganhou impulso no marco da inter- e transdisciplinaridade. Ela será aqui apresentada como linha de pesquisa orientada por um paradigma, que, por um lado, acompanhou reflexivamente o seu desenvolvimento - desde a superação da imanência da obra, passando pela história social da literatura, até a mudança de perspectiva sob o signo da cultura -, e, por outro lado, desenvolveu uma compreensão genuinamente orientada por problemas da sociologia da literatura, voltada para a modernidade e para a transformação histórica das formas.

Palavras-chave: Entre três e cinco; palavras-chaves; separadas por ponto e vírgula.

Zusammenfassung: Literatursoziologie ist keine Disziplin, sondern eine auf das Verhältnis von Literatur und Gesellschaft gerichtete Fragestellung. Als solche durchlief sie eine diskontinuierliche, erst im Zeichen der Interund Transdisziplinarität aufsteigende Entwicklung. Exemplarisch durchlaufen und spezifisch geprägt wurde die Literatursoziologie von der Zagreber Schule. Sie wird hier als eine paradigma-gelenkte Forschungsrichtung vorgestellt, welche einerseits die Entwicklung - von der Zurückdrängung der Werkimmanenz über die Sozialgeschichte der Literatur bis zum Perspektivwechsel im Zeichen der Kultur - reflektierend mitvollzog, und andererseits ein genuin problemorientiertes, auf die Moderne und den geschichtlichen Wandel der Formen gerichtetes Verständnis von Literatursoziologie entwickelte.

Schlüsselwörter: Zwischen drei und fünf; Schlüsselwörter; durch Semikolons getrennt.

1. A mudança de paradigma: de uma fundamentação nacional à uma fundamentação baseada nas ciências sociais para os estudos literários.

Em 1977, Jürgen Scharfschwerdt definiu a sociologia da literatura como uma disciplina científica em formação, fazendo um balanço de suas questões e métodos desde o século XVIII até sua atualidade. De acordo com resultado desse balanço, a sociologia da literatura, vinculada desde sua origem à sociedade moderna pluralista e à sua cultura literária diferenciada, vinha perdendo de vista suas próprias premissas e, com isso, seus problemas fundamentais. Diante disso, Scharfschwerdt sugeriu um retorno às problemáticas da sociologia da cultura, do saber e da religião desenvolvidas por volta de 1900. Esse retorno, hoje podemos dizer isso, de fato ocorreu, embora não tenha levado à consolidação da sociologia da literatura como uma disciplina científica

¹ Texto publicado originalmente em 2015 no *Zagreber germanistische Beiträge*, vol. 24, n. 1.

² Pós-Doutora em Sociologia e Literatura pelo Wissenschaftskolleg zu Berlin; Professora Associada no Departamento de Germanística da Universidade de Zagreb. cmagerski@ffzg.hr

autônoma. Em vez disso, temos um espaço discursivo, marcado por uniões interdisciplinares, no qual muitas das problemáticas da sociologia da cultura desenvolvidas por volta de 1900 são abordadas por representantes de diferentes disciplinas. Se nos anos 1970 as palavras de ordem já eram “sociologização da história”, “historicização da sociologia” e também sociologização e re-historicização da ciência literária, então hoje nos encontramos em um campo de pesquisa caracterizado por uma inter- e transdisciplinaridade quase forçada (LEPSIUS, 1972, p. 63)³.

No caso dos estudos literários alemães, essa tendência pode ser definida a partir das teses sobre a história formuladas por Wilhelm Voßkamp em 1990. Segundo elas, a unidade dos estudos literários já não é definida, pelo menos desde os anos 1920, pela predominância de uma única tendência, mas sim pelo confronto entre diversas correntes e pelo diálogo com as disciplinas vizinhas. Se nos anos 1950 se pode falar de uma dualidade entre a continuidade histórica-científica e uma descontinuidade política, então, nos anos 1960, ocorre uma mudança de paradigma: da fundamentação nacional para a fundamentação pelas ciências sociais para os estudos literários. Foi somente com essa aproximação das ciências humanas com as ciências sociais que foram ampliadas as possibilidades de uma redefinição dos estudos literários como ciência da cultura⁴.

Essas teses são ao mesmo tempo apoiadas e relativizadas por formulações da história da ciência mais recentes, como as que se encontram, por exemplo, em Anz (org.): *Handbuch Literaturwissenschaft* (2007). De acordo com Dorit MÜLLER (2007), a radical reestruturação após 1968 pode ser identificada pelos seguintes parâmetros: o abandono do conceito de nação; a democratização e pluralização das formas de abordagem da literatura; a cientificização programática; a conexão com debates teóricos internacionais e a incorporação da cultura de massa e do cotidiano. Ao invés de atribuir essa modernização teórico-conceitual exclusivamente a reformas educacionais e revoltas

³ Esta tendência é também comprovada nos panoramas como os de BARCK: *Literatursoziologie (Band 1: Begriff und Methodik, Band 2: Beiträge zur Praxis)*, LINK/LINK-HEER: *Das literatursoziologische Propädeutikum*; SILBERMANN: *Die Einführung in die Literatursoziologie*; DÖRNER/VOGT: *Literatursoziologie. Literatur, Gesellschaft, Politische Kultur* bem como em HUBER/LAUER: *Nach der Sozialgeschichte*.

⁴ No centro dessa mudança de paradigma, a tese de Voßkamp entra em conflito com a primeira monografia abrangente sobre a história da germanística após 1945: *Kontinuität und Wandel*, de Marcus Gärtner. Tal qual Scharfschwerdt, Gärtner estabelece uma conexão entre história da ciência e pesquisa sobre a modernidade, mas chega, trinta anos depois, à conclusão de que não houve uma abertura substancial em direção à nova literatura e que seria uma simplificação grosseira delinear a transformação estrutural da germanística como uma ruptura ou mudança de paradigma. O resultado de Gärtner se baseia na análise da germanística na Alemanha. Porém, o debate em outras filologias e na chamada germanística estrangeira não é levado em consideração. Do mesmo modo, o desenvolvimento paralelo interdisciplinar é mencionado como algo inegável, mas não é incorporado à investigação.

estudantis, Müller reconhece também a importância da virada da pesquisa literária imanente à obra para uma orientação pelas ciências sociais já nos anos 1950. As palavras-chave são: “Escola de Frankfurt como revalorização da sociologia da cultura” e “transição para a historicidade”. Somente a redescoberta da abordagem histórica possibilitou a ampliação radical da área de pesquisa, e levou à difusão de abordagens sociológicas da literatura, de modo que, em meados dos anos 1960, métodos sociológicos se firmaram como “novo paradigma” na ciência literária da Alemanha Ocidental (MÜLLER, 2007, p. 151)⁵.

Um passo adiante em direção à sociologia da literatura foi dado por Claus-Michael Ort ao falar, no mesmo contexto, de uma virada em direção às ciências sociais, e ao descrever a “história da relação entre os estudos literários e as ciências sociais” como uma história de mudanças nas fronteiras entre seus campos temáticos, bem como como uma história de transferências de temas, teorias e métodos, sobretudo das ciências sociais para a ciência literária. Com a intensificação e a ampliação da importação de teorias a partir dos anos 1960, segundo ORT (2007, p. 470)⁶, o foco deixa de ser a sociedade e para se tornar a teoria sociológica, que então passa a ser o critério definidor da sociologia da literatura.

O que foi até aqui apresentado precisa ser complementado em dois pontos: olhando-se para início da história da sociologia da literatura, torna-se evidente que sua relação com a teoria a acompanha desde os primórdios⁷. O discurso nesse espaço, que foi anteriormente descrito como marcado por uniões interdisciplinares, ocorre, desde a emergência da sociologia da cultura por volta de 1900, no plano teórico. O caminho levou - lembremos, por exemplo, de teóricos como Simmel, Cassirer ou o jovem Lukács - de uma teoria matizada da sociedade moderna para uma teoria igualmente matizada da literatura e da cultura, sendo que - não por acaso se fala em sociologia da cultura

86

⁵ Assim como Gärtner, Müller constata que, já em meados da década de 1970, se podia observar na germanística da Alemanha Ocidental o fim do período de reformas e uma permanência na tradicional perspectiva centrada no autor e na obra - algo particularmente evidente no currículo. Porém, afirma-se que durante o período de reformas ocorreram “deslocamentos marcantes” que influenciaram de maneira duradoura os rumos dos estudos literários como disciplina (2007, p. 159). Indicam ainda uma mudança de paradigma as seguintes obras: Lämmert, *Das überdachte Labyrinth*; Barner/König (orgs.), *Zeitenwechsel*; Boden/Rosenberg (orgs.), *Deutsche Literaturwissenschaft 1945 - 1965*; Vietta/Kemper (orgs.), *Germanistik der 70er Jahre*; assim como Klausnitzer/Spoerhase (orgs.), *Kontroversen in der Literaturtheorie*.

⁶ “A história da relação entre os estudos literários e as ciências sociais pode ser descrita, desde a diferenciação dessas disciplinas no século XIX, como uma história de redefinições das fronteiras entre seus campos e seus objetos, acompanhada por uma mudança temática, mais tarde, também uma mudança de teorias e de métodos, sobretudo das ciências sociais para os estudos literários” (ORT, 2007, p. 470)

⁷ Sobre as origens da Sociologia da Literatura na Alemanha ver: MAGERSKI, *Die Konstituierung des literarischen Feldes*.

por volta de 1900 - as teorias sociais relevantes para o desenvolvimento da sociologia da literatura partiam da observação da cultura. Além disso, se observarmos o desenvolvimento dos estudos literários em outros países europeus, chamam-nos a atenção os paralelos, sobretudo no que diz respeito à redescoberta da abordagem histórica, à ampliação radical do campo temático e à difusão das abordagens sociológicas da literatura. A sociologia da literatura, como um novo paradigma, não se firmou apenas na ciência literária da Alemanha Ocidental, mas também - e talvez ainda mais - em outros estudos literários que se entendem explicitamente como europeus.

Com isso, chegamos à Escola de Zagreb - uma constelação específica, que pode ser compreendida, dependendo do modelo de observação histórica da ciência, com Thomas Kuhn, como um subgrupo dentro do debate paradigmático conduzido por grupos, ou, com Niklas Luhmann, como um agrupamento programático e grupo de interesse no contexto de importações interdisciplinares. Se aqui ela é definida como uma escola e, portanto, como um grupo de interesse estável, é porque possui um caráter quase institucional e, com isso, uma notável consistência⁸. Como demonstrou de forma convincente Rudolf Stichweh, a ciência não é possível apenas como rede comunicativa de troca de ideias e informações entre pessoas interessadas em questões científicas. “Ela depende de arranjos socioestruturais estáveis, nos quais o interesse pela ciência assume forma institucional” (STICHWEH, 1984, p. 62). A Escola de Zagreb se baseava em arranjos socioestruturais estáveis, cuja análise detalhada foge ao escopo deste artigo. Cabe, porém, apontar para a relativa coesão e coerência da Escola de Zagreb, que, por sua vez, resulta da institucionalização sistemática dos estudos literários modernos na Croácia desde os anos 1950.

Com Davor Dukić, essa evolução rumo a um estudo literário orientada por paradigmas pode ser brevemente traçada: em 1950, foi fundada a Sociedade Croata de Filologia. Apenas dois anos mais tarde, foi criado o Setor de Teoria e Metodologia da História da Literatura. Em 1955, publica-se o primeiro volume coletivo com textos programáticos. Um ano depois, foi criado o curso de Literatura Comparada, e, no ano seguinte, foi publicado o primeiro volume da revista própria da seção, *Umjetnost riječi* (DUKIĆ, 2008, p. 47). Nessa primeira fase, a escola era composta por representantes de diferentes filologias, destacando-se principalmente o germanista Zdenko Škreb, o russista Aleksandar Flaker e o croata Ivo Frangeš. Como mostra Dukić em sua apresentação taxonômica dos princípios iniciais da escola literária de Zagreb, imperava inicialmente

⁸ A designação *Escola de Zagreb* encontra-se, entre outros, em Nell/Kiefer: **Zur Einführung** bem como em Wedel: **Beiträge der “Zagreber Schule” zur Literaturwissenschaft**.

um “imanentismo” (*Id.*, p. 49). Empregando a base teórica alemã contemporânea da interpretação (Wolfgang Kayser, Emil Staiger), e com a redescoberta do formalismo russo em 1950, distanciaram-se o historicismo e o sociologismo, e o centrou-se o texto - para enfatizá-lo como verdadeiro objeto da ciência literária - na categoria de “estilo”, a tal ponto que, nos anos 1960, a Escola de Zagreb chegou a ser chamada de “Escola Estilística de Zagreb”.

O que Dukić acaba por menosprezar em sua exposição com o expressivo título *Cultura - um conceito negligenciado no início da moderna ciência literária croata*, é o potencial sociológico e cultural desse conceito de estilo. Por um lado, o autor destaca o Estilo como a principal categoria da Escola de Zagreb, afirmando, por outro lado, que o conceito de cultura foi inicialmente negligenciado. Nas tendências dominantes da Escola de Zagreb nos anos 1950, haveria pouco espaço para um conceito de cultura entendido como estrutura complexa, capaz de funcionar como contexto explicativo para toda atividade humana em determinado período. Se pensarmos em publicações relevantes, como o volume coletivo publicado em 1986 *Estilo. Histórias e funções de um elemento discursivo das ciências da cultura*, fica evidente que o paradigma literário-sociológico da Escola de Zagreb se concentra em categorias como estilo e forma; categorias que somente hoje voltam a ser reconhecidas como aquilo que já eram desde os primórdios da sociologia da cultura e da literatura: pontes entre o simbólico e o social. Essa leitura já se esboça no panorama histórico da ciência proposto por Dukić, quando ele menciona o conceito de formação estilística (*stilska formacija*) apresentado por Flaker nos anos 1970 e vê nesse conceito a resposta para o principal problema da Escola: a historicidade da literatura.

Como Dukić cautelosamente sugere: se a categoria da historicidade for lida - ou melhor, se o problema da mudança que se oculta por trás dessa categoria for lido - como uma antecipação do conceito de cultura, relativiza-se então o juízo, de acordo com o qual, apesar da inclinação à contextualização social da literatura dentro da primeira fase da Escola de Zagreb, teria sido em vão a busca por uma “fórmula mágica” ou ao menos por um “princípio das relações recíprocas entre literatura e sociedade”. Conforme a fórmula mágica: forma e estilo. É a partir desses conceitos que se inicia o afastamento da orientação imanente à obra. Que esse afastamento tenha ocorrido justamente no ramo germanista da escola não é coincidência. Dukić argumenta que a literatura especializada mais importante para o desenvolvimento de um conceito moderno de cultura - os textos de Dilthey, Simmel, Cassirer e Freud - praticamente não havia sido traduzida, até os anos 1970, para o então chamado espaço linguístico servo-croata, ou seja, na Iugoslávia. Ainda que o alemão fosse, até os anos 1990, a principal língua científica na Faculdade

de Filosofia de Zagreb, os textos fundadores da ciência cultural [*Kulturwissenschaft*] alemã eram acessíveis e familiares sobretudo aos germanistas. De maneira que o retorno às problemáticas da sociologia da cultura formuladas por volta de 1900, tal como sugerido por Scharfschwerdt nos anos 1970, já estava na base da formação da Escola de Zagreb, em especial o problema da correlação entre a sociedade moderna e sua cultura. Como o grupo se compreendia como uma comunidade de pesquisa orientada por problemas, foi possível marginalizar a questão da filiação disciplinar. As fronteiras entre os estudos literários, as ciências sociais e as ciências da cultura foram assim sistematicamente transpostas.

O exposto se deixa ilustrar com o auxílio do esboço histórico-científico sobre a Escola de Zagreb, elaborado por Dubravka Oraić Tolić (2008). Este último descreve a escola como um “empreendimento coletivo”, mas atribui, dentro desse coletivo, um status especial ao germanista Viktor Žmegač, por ter sido o único a percorrer de forma coerente o caminho dos estudos literários à ciência da cultura. “No âmbito da Escola de Zagreb”, diz Oraić Tolić, “Viktor Žmegač trilhou o caminho individual que vai dos estudos literários enquanto disciplina autônoma até a ciência da cultura enquanto matriz transdisciplinar, passando da história da literatura alemã até a história da cultura alemã” (ORAÍĆ TOLIĆ, p. 82)⁹. Essa construção de pontes é aqui baseada na orientação pelos problemas ou, dito de outro modo, na maneira como a ciência compreende a si mesma: uma instância voltada à resolução de problemas, principalmente a relação entre literatura e sociedade. As reflexões de Oraić Tolić deixam isso implícito quando mencionam as quatro relações características da obra de Žmegač como um todo: 1) a relação entre literatura e sociedade; 2) a relação entre literatura e realidade; 3) a relação entre literatura e teoria literária; e 4) relação entre literatura e os outros âmbitos da cultura (*Id.*).

A concentração em relações e interações é relevante, em dois sentidos, tanto para a inserção disciplinar quanto para a abertura da Escola de Zagreb. Primeiramente, no que tange às relações, ela se coloca numa tradição - a da primeira sociologia da cultura, em torno de Simmel e Lukács. Em segundo lugar, as quatro relações apontam para as ciências da cultura, sendo que a conexão entre estudos literários e a ciência da cultura se dá através da sociologia da literatura - compreendida como uma problemática

⁹ O itinerário divide-se em duas fases: uma fase literária, que se estende dos anos 1960 até o final da década de 1980; e uma fase culturológica, a partir da década de 1990. Enquanto a primeira fase pertencem publicações de grande impacto e ampla circulação no campo dos estudos literários, como o *Der europäische Roman. Geschichte seiner Poetik e Geschichte der deutschen Literatur vom 18. Jahrhundert bis zur Gegenwart*, a segunda é representada pela longa monografia *Od Bacha do Bauhause. Povijest njemačke kulture* (De Bach ao Bauhaus. História da cultura alemã).

transdisciplinar. Oraić Tolić sintetiza essa conexão de maneira precisa, quando afirma que a sociologia da literatura do jovem Žmegač representa “uma forma latente de culturologia ainda em estado nascente [verborgenen Kulturologie *in nuce*]” (*Id.*, p. 83). Apenas o adjetivo “latente” parece inadequado, pois desde seus primeiros escritos, Žmegač não apenas se volta de forma explícita à cultura e à teoria, como se insere de enfaticamente na tradição da sociologia da literatura e da cultura em seus primórdios. É a tese formulada por Lukács em 1911 sobre a imanência social da forma, que Žmegač retoma e tenta exemplificar rigorosamente por meio da cultura europeia dos séculos XIX e XX. A tese da forma como verdadeira categoria social lhe permite manter a noção de autonomia da arte e, ainda assim, afirmar uma relação entre literatura e sociedade. Assim, o foco não recai sobre o produtor, o receptor ou a circulação, mas sobre a transformação das formas simbólicas na modernidade.

2. Literatursoziologie als problemorientiertes Denken und Beitrag zur Moderneforschung

Ao contrário das formas pré-modernas de organização do saber, como Stichweh conseguiu demonstrar, o sistema moderno das disciplinas científicas institucionaliza uma inter-relação dinâmica entre as disciplinas. Uma condição para isso é que, no desenvolvimento no princípio de cada disciplina, a concretude da relação com o objeto vai sendo gradualmente substituída por “problemáticas constitutivas da disciplina” (STICHWEH, 1984, p. 49). Uma vez formuladas, essas problemáticas podem ser aplicadas de forma expansiva a novos objetos, o que, por sua vez, significa que uma disciplina desenvolve sua própria identidade sempre em relação com a imagem que ela tem das outras disciplinas. Com Jürgen Mittelstraß, essa inter-relação dinâmica e especificamente moderna entre disciplinas pode ser compreendida também como um fenômeno da transdisciplinaridade, e esta, por sua vez, pode ser definida como uma “forma de pesquisa orientada por problemas” (MITTELSTRAß, 2000, p. 140). Segundo Mittelstraß, a transdisciplinaridade é um “conceito integrador, mas não holístico”, sendo, antes de tudo, um “princípio de pesquisa” e, apenas depois, um “princípio teórico” (*Id.*, 142). Como esse entendimento já estava presente, ao menos em seus contornos iniciais, nos debates de reforma dos anos 1960 e 1970, Mittelstraß recomenda, no ano 2000, que os estudiosos da literatura sejam prudentes na retomada das ideias de reforma daquela época (*Id.*).

É justamente uma tal forma de pesquisa, transdisciplinar, orientada por problemas, que a Escola de Zagreb realiza. A relação com o objeto (o texto), originalmente definidor

da disciplina, foi substituída por problemáticas, que, por um lado, permitiram o surgimento de uma inter-relação dinâmica com outras disciplinas (a sociologia e a história); por outro, levaram à formação de uma identidade disciplinar própria em oposição a essas outras disciplinas. Isso pode ser ilustrado por meio de dois eixos temáticos, interligados, elaborados pela Escola de Zagreb: o eixo temático da relação entre literatura/arte e realidade e o eixo temático da relação entre arte e sociedade. O primeiro foi inaugurado por Žmegač, em 1969, com o livro *Arte e Realidade* [*Kunst und Wirklichkeit*]. Lançando mão das teorias de Brecht, Lukács e Broch, a problemática foi inicialmente delineada e contextualizada historicamente, formulando a seguir suas próprias reflexões no contexto histórico dessa problemática. Essas reflexões são compreendidas como uma contribuição para uma história crítica da poética e da teoria literária alemã (ou de língua alemã), a partir do Naturalismo, destacando-se que são os contrastes e contradições entre as concepções poetológicas que tornam possível, em primeiro lugar, a formulação de uma ideia da modernidade artística, inclusive de sua relação problemática com a realidade. Em outras palavras: são as tendências contraditórias da arte e da teoria da arte dos anos 1920 e 1930, compreendidas como uma época que é “passada e presente, histórica e atual ao mesmo tempo” que servem de ponto de partida para a atualização do problema *Arte e Realidade*. Particularmente atual e relevante se mostrou, nesse contexto, o debate entre Brecht e Lukács, ou seja, a controvérsia em que se discutia o realismo e, com isso, o caráter mimético da arte.

A própria transposição para controvérsias teórico-literárias - e, entre estas, as da modernidade na literatura - é característica da abordagem da Escola de Zagreb. As questões da modernidade artística - segundo o pressuposto fundamental - foram colocadas, mas continuam em aberto, e retornam nos anos 1960 com nova urgência, diante do surgimento provocador da nova vanguarda e também de uma politização ruidosa da arte e da ciência. Enquanto esse processo de reconfiguração da problemática dos estudos literários na Alemanha - ao menos na germanística, duramente criticada - teve início de forma hesitante e pontual, em Zagreb ele passou, desde os anos 1960, a formar uma verdadeira escola. A própria autoimagem dos estudos literários em Zagreb assumiu uma forma distinta, como se pode perceber na relação com Lukács. Porque, enquanto os estudos literários alemães, durante sua reformulação, se referiam em grande parte ao Lukács marxista, em Zagreb focava-se o nos escritos do jovem Lukács - pré-

marxista, influenciado pelo sociólogo da cultura Simmel -, que eram lidos como guias para a compreensão das transformações das formas literárias¹⁰.

A compreensão dessas transformações era o objetivo do jovem Lukács - e essa é a também o objeto de pesquisa que a Escola de Zagreb retoma e atualiza. Somente a mudança formal - que não se pode ignorar - coloca de modo provocativo, para os estudos literários, a questão da representação que relaciona literatura e realidade, ou literatura e sociedade. Se a literatura for interpretada como simples espelho de uma sociedade, perde-se sua reivindicação de autonomia estética; por outro lado, se a arte for completamente autônoma, todas as questões sociológicas que lhe são dirigidas se tornam irrelevantes. E autônoma, pelo menos em sua prática, a arte parece ser. O debate sobre o realismo, como observa Žmegač, “não foi resolvido na teoria, mas na prática”(ŽMEGAČ, 1969, 40). Provocativamente, se poderia dizer que a prática da arte conseguiu escapar da teoria. Contemporaneamente, o realismo é apenas mais um estilo entre outros, e, justamente por isso, sai de cena o confronto entre princípios e convicções, e entra em foco o conceito de estilo - que já havia sido destacado por sua importância para a forma de pesquisa da Escola de Zagreb. Com a formulação de Žmegač: o debate sobre o realismo não foi uma mera disputa retórica. Tratava-se da própria questão em jogo - e, com ela, do “futuro de uma concepção artística” (*id.*). Se a seriedade dessa questão se perdeu para a arte, isso não ocorreu para a ciência da arte. De todo modo, para a Escola de Zagreb, a partir dos anos 1960, o “problema da relação entre elemento estilístico e estilo dominante” (*ibid.*) se coloca novamente - e de forma ainda mais aguda.

Adotando o conceito de estilo, a Escola de Zagreb se inscreve na tradição da sociologia da cultura nos anos 1900, mas também se vincula - se se pensar em sociólogos da cultura mais recentes, como Pierre Bourdieu ou Niklas Luhmann - àqueles ambiciosos programas de pesquisa em que as problemáticas transdisciplinares se tornaram princípios teóricos. Também aqui, no exemplo de Luhmann, vale um olhar mais atento: sua reconstrução da evolução do sistema da arte começa no século XIX e se concentra no momento em que a arte opta pela auto-legislação. A arte, enquanto explicitamente moderna, deparou-se com a questão: “*autorreferência ou heterorreferência?*”. E respondeu com uma diferenciação: distribuiu essas duas opções entre dois estilos distintos,

¹⁰ A confrontação crítica com Lukács atravessa toda a obra de Žmegač. Já no *Kunst und Wirklichkeit*, é afirmado que Lukács adota um procedimento excessivamente normativo, concentrando-se demasiadamente na prática artística do século XIX e que seu percurso conduz quase inevitavelmente do conceito de orgânico ao de totalidade (*Id.*, p. 29). O Lukács tardio - disso Žmegač não deixa dúvida - não oferece uma solução para o problema da apreensão teórica e, portanto, da possibilidade de uma exposição histórico-sistemática da modernidade artística. “*As formas da revolução literária e artística, por outro lado, continuavam a parecer suspeitas ao revolucionário.*” (*ibid.*, p. 31)

neutralizando assim a tensão do sistema. A vertente esteticista da arte representa o primado da autorreferência e a ênfase nas decisões formais, enquanto o realismo, com intenção afirmativa ou crítica, aposta na heterorreferência - um contraste que se tornou um verdadeiro programa. Essa diferenciação foi desenvolvida no interior da própria arte, ou seja, ela foi testada de forma estilística e, “justamente por meio dessa forma de escolha de estilo (das quais, de todo modo, há muitas), mantida dentro do sistema” (LUHMANN, 1995, p. 481). Sinteticamente: Luhmann define o conceito de estilo de maneira funcional, é dizer, “em relação ao problema de como se pode estabelecer uma conexão entre diferentes obras de arte - e, assim, a arte como sistema” (LUHMANN, 1995, p. 338).

O contexto é tradicionalmente estabelecido através de uma historicização da autodescrição do sistema da arte, a qual, por sua vez, exige uma periodização da história da arte. O conceito de estilo é, assim, colocado no tempo. E, com o reconhecimento dos diversos estilos, ele perde sua possibilidade de ser diretamente associado a camadas sociais. Ao invés disso, o estilo - e aqui Luhmann se aproxima especialmente das reflexões sobre forma da Escola de Zagreb - é compreendido como uma orientação formal. É apenas com a compreensão do conceito de estilo enquanto conceito de diferença - e, portanto, de forma - que a sociologia orientada por problemas das formas culturais se transfere por completo para o plano simbólico, concentrando-se no espaço onde ocorre a operação específica da arte, entendida como configuração formal desprovida de finalidade, a obra de arte nomeadamente (LUHMANN, 1995, p. 337 - 340).

O que une, portanto, a sociologia das formas literárias e artísticas - começando em Simmel e Lukács e chegando à Escola de Zagreb e à teoria dos sistemas - é uma compreensão da arte enquanto desafio científico [*wissenschaftliche Herausforderung*], na medida em que a arte, em sua forma moderna - ou seja, autônoma - poderia se dissolver inteiramente em formas divergentes e, mesmo assim, apresentar ordens formais ou estilos. Que a ciência chegue a essa compreensão se fundamenta em uma decisão teórico-metodológica anterior: compreender a obra de arte enquanto forma, e não a arte prioritariamente a partir de suas características institucionais. A seleção do objeto corresponde à abordagem orientada pelos problemas de pesquisa; a discussão do conceito de forma se dá levando em conta a determinação formal específica da arte de vanguarda. A consideração analítica da determinação formal da obra de arte remete, de certo modo, à vanguarda como aquela forma de arte que estabeleceu a congruência entre obra de arte e forma - e radicalizou essa relação de modo desconcertante para a teoria da literatura e da arte. A concepção de sociologia da literatura e da cultura que aqui se apresenta assumiu - e continua assumindo - essa provocação na medida em que

compreende cada obra de arte como resultado da decisão formal tomada com ela, é dizer, como uma decisão que poderia ter sido diferente.

As obras de arte devem ser pensadas como independentes ou há uma “programação da programação” (algo que conduziria a uma arte regida por regras)? É essa a questão que inevitavelmente surge no contexto desta problemática e que guia a sociologia da forma, por um lado, de volta à obra de arte autônoma e, por outro, à história. Também neste ponto, o da historicidade (que será detalhado no próximo capítulo) revelam-se a proximidade e a capacidade de articulação da Escola de Zagreb com os programas teóricos e de pesquisa da sociologia da cultura contemporânea. A “programação da programação” é, em Luhmann, assumida pela própria história. Somente a partir dela é que a autolegislação ou a legalidade própria da obra de arte - entendida como o “dar forma a si mesma” - ainda pode se orientar. Com Bourdieu, essa aproximação aos focos de pesquisa da Escola de Zagreb se intensifica, pois ele não apenas transfere a historicidade das formas para os gêneros literários, mas também condensa as formas literárias em hierarquias móveis. O que é aqui decisivo é que, com Bourdieu e Luhmann, a história retorna à sociologia da forma - uma tendência que a Escola de Zagreb já reivindicava ativamente nos anos 1970. A “anti-historicidade [Antigeschichlichkeit] consciente da pesquisa ocidental” (ŠKREB, 1970, p. 28) foi expressamente criticada pelos estudos literários de Zagreb, sendo associada a uma falta de compromisso metodológico. E ambas - a anti-historicidade e a indefinição metodológica - estão intrinsecamente ligadas na crítica científica formulada pela Escola de Zagreb.

Na análise da crítica científica formulada pela Escola de Zagreb, pode-se notar que a mudança de paradigma por ela almejada dentro dos estudos literários compartilhou a crítica à estrutura científica, mas não a intensidade ideológica da virada nas humanidades ocorrida na Alemanha. Do “choque” que se abateu sobre o campo acadêmico na Alemanha - quando este se viu, pela primeira vez, amplamente confrontado com a “pressão da modernização social” (BAASNER, 1996, p. 90) - Zagreb, também por questões geográficas, já estava muito distante. De modo mais pacífico, buscou-se dessa maneira por possibilidades de articulação teórica, examinou-se o panorama metodológico da ciência literária e fez-se um balanço crítico. Esses levantamentos e balanços merecem, por sua extensão e profundidade, uma análise mais detida; eles constituem o fundamento onde se elaboraram obras de fôlego, como a *História da Literatura Alemã* em três volumes - do século XVIII à atualidade (1978-1984).

Coletivamente, empreendeu-se a busca de teorias e categorias conceituais, ao mesmo tempo em que se exercitava a crítica à metodologia dos estudos literários (ŠKREB

& ŽMEGAČ, 1973). Incentivou-se a “revisão de todo o inventário conceitual” (*Id.*, p. 7) e a criação de um sistema coordenado comum de conceitos, de modo que a posição relativa e a ordenação das obras analisadas pudessem ser reconhecíveis e verificáveis¹¹. O ponto de partida foi a coletânea *Métodos da ciência literária alemã. Uma documentação*, publicada em 1971 pela editora Fischer Athenäum, de Frankfurt. Ali são documentadas as linhas de desenvolvimento dos estudos literários alemães - desde Scherer, Schmidt, Nadler, Walzel e Spitzer, passando por Unger, Hirsch, Muschg, Müller, Staiger e Viëtor, até Curtius, Kuhn, Greiner, Köhler, Weinrich e Weiman. A própria documentação se compreende como um estágio preliminar da crítica, já que - segundo o editor - a seleção busca mostrar que, após cerca de cem anos de reflexão metodológica sobre a essência, a forma e a função da literatura, não há motivo para celebrar um jubileu autocondescendente (ŽMEGAČ, 1971, p. 7). Muito mais do que isso, o olhar que se lançou sobre o percurso já trilhado deve servir para incentivar uma crítica séria - uma verdadeira “metacrítica”, no sentido de uma “teoria que reflete sobre a teoria” (*Id.*)¹². Também valia a ideia - e com isso se tomava, de forma marcante e confiante, certa distância em relação à chamada germanística - de tornar visível um desenvolvimento próprio, nitidamente delineado na Alemanha em diversas fases, e corrigir o equívoco de que germanística e estudos literários alemães seriam termos praticamente idênticos (ŽMEGAČ, 1971, p. 9)¹³.

Um passo significativo para a consolidação da formação de uma escola própria e definição de um perfil foi dado em 1972 com a publicação do volume *Crítica Literária Marxista*, também editado pela Athenäum. A antologia compilou textos de Pereverzev, Lukács, Goldmann, Škreb, Weimann, assim como de Mehring, Caudwell, Kott, Kraus, Mayer, Konrad, Flaker e Fischer. O texto que fecha o volume, o *acaso literário, o possível e a necessidade*, de Erich Köhler, foi publicado ali pela primeira vez - um sinal inequívoco para o fato de que a introdução planejada pelo organizador à historiografia literária de orientação materialista histórica se baseava em uma noção ampliada de materialismo histórico (ŽMEGAČ, 1970, p. 18). De maneira explícita, a coletânea se posicionava contra

¹¹ Essas obras devem ser analisadas no contexto das coleções publicadas na Alemanha desde o início da década de 1970, especialmente: ALBERT et al. (orgs.), *Literaturwissenschaft und Sozialwissenschaften* (a partir de 1971); BUCK et al. (orgs.), *Literaturwissenschaft - Gesellschaftswissenschaft. Materialien und Untersuchungen* (a partir de 1973); assim como os volumes dedicados ao debate metodológico e teórico, notadamente: FÜGEN (org.), *Wege der Literatursoziologie* (1968); SCHMIDT (org.), *Grundfragen der Literaturwissenschaft* (1970); HAUFF et al. (orgs.), *Methodendiskussion. Arbeitsbuch zur Literaturwissenschaft*, 2 vols. (1971/1972); e BOGDAL et al. (orgs.), *Arbeitsfeld: Materialistische Literaturtheorie. Beiträge zu ihrer Gegenstandsbestimmung* (1975).

¹² Para análises mais recentes com um panorama metateórico de referência para a análise de controvérsias científicas, ver MÜLLER (2007, p. 181): *Die Lebendigen und die Untoten*.

¹³ De fato, a germanística de Zagreb se abriu de forma notável à romanística alemã.

os “clichês populares” acerca da suposta limitação estrita do materialismo histórico no âmbito dos estudos literários e afirmava que as observações ocasionais de Marx e Engels sobre temas literários não constituem uma teoria sistemática, tampouco uma base sólida sobre a qual se poderia construir um “sistema doutrinário” (ŽMEGAČ, 1970, p. 8). Em vez de procurar ensinamentos doutrinários nesses escritos, seria necessário - e de fato se deveria - tratar “as questões levantadas nos textos como problemas reais” e expandi-los: as questões suscitadas pela crítica literária marxista não se detêm diante dos chamados problemas intraliterários [*Innerliterarischen*], mas, ao contrário, conduzem diretamente a eles (*Id.*).

A discussão acerca da crítica literária marxista demonstra que a sociologia da literatura, ao estilo da Escola de Zagreb, é ambiciosa, pois mira no núcleo tradicional dos estudos literários: o “ofício da interpretação estilística, da história dos gêneros e da valoração estética” (*Id.*, p. 10). Para não deixar esse ofício nas mãos de uma crítica não materialista, buscam-se as soluções nas disciplinas vizinhas - sobretudo na sociologia e na história. Žmegač é categórico ao afirmar que, por um lado, “a sociologia não deve fechar as portas para a estética - ao contrário, deve escancarar-lhe essas portas” (*Id.*), e, por outro lado, que a estética deveria abandonar sua distância em relação à sociologia. Se é para que uma análise formal e histórica, assim como uma crítica da forma, sejam realmente possíveis, então as ciências da sociedade e da literatura precisam se reaproximar - como fizeram durante a fase de sua emergência no sistema científico, por volta de 1900. Com coerência, Žmegač cita nesse contexto as palavras do jovem Lukács em *História do desenvolvimento do drama moderno*, segundo as quais o maior erro da abordagem sociológica da arte consiste em querer traçar uma linha nítida entre os conteúdos e a sociedade, quando o verdadeiramente social na literatura é a forma. O conceito de forma como a única categoria ao mesmo tempo social e estética da literatura constitui o ponto de partida problemático - e, ao mesmo tempo, construtivo - da nova proposta literário-sociológica da Escola de Zagreb. Com esse conceito, toca-se naquele complexo problemático de forma, estrutura e efeito em torno do qual a sociologia das formas gira desde seus primórdios.

É significativo que apenas um ano depois da *introdução à historiografia literária de orientação materialista histórica* tenha-se publicado mais um volume coletivo, intitulado *Literatura e Sociedade. Documentação sobre a história social da literatura alemã desde a virada do século* - um panorama de textos programáticos e críticos que se dedicam à problemática da relação entre literatura e sociedade, escritos entre a década de 1880 e a década de 1970. Indo de nomes como Conrad, Alberti, Fontane e Lienhard até Rubiner, Ehrenstein, Sternheim, Hausmann, Huelsenbeck, Piscator, Herzfelde, Roth e Benn,

até chegar a Enzensberger, Weiss, Grass, Wallraff e Scharang, são numerosas as análises sociológicas e as tomadas de posição sociopolíticas, apenas para citar algumas. Não é de todo exagerado ver nessa documentação um esboço preliminar do projeto da história social da literatura alemã moderna; uma história cujo ponto de partida histórico é o *naturalismo* e, com ele, um período de intensas divisões sociais e culturais, e que se concentra de maneira quase integral nas chamadas formas funcionais ou utilitárias da literatura, como discursos, ensaios, artigos de jornal, panfletos, manifestos e programa. Lembre-se aqui novamente d'*As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário* (1999), de Bourdieu, que chama a atenção para o caráter orientador de uma documentação para a história social da literatura moderna¹⁴.

Mais importante que a atualidade das estratégias desenvolvidas em Zagreb para resolver os problemas constitutivos da disciplina é, no entanto, o fato de que se atribuiu para a própria pesquisa uma história de sua problemática. Da forma apresentada por Stichweh, essa história é importante não somente pela prevenção de equívocos, mas também porque só uma história própria dos problemas de investigação garante a “manutenção da consciência da contingência de toda solução de problemas” e, com isso, assegura a “obrigação de abstração” (STICHWEH, 1984, p. 99) dela decorrente. Ao se inserir em uma história da problemática - ou seja, ao escolher consciente e deliberadamente uma questão a partir do conjunto de possíveis questões da teoria literária - a Escola de Zagreb demonstrou estar ciente da possibilidade de uma outra escolha e, portanto, também de uma outra solução. Tomando distância em relação ao seu próprio objeto e método, ela foi justamente por isso - como claramente demonstram suas publicações - obrigada a refletir sobre suas escolhas de conteúdo e forma e a justificá-

¹⁴ Um ponto importante, mas mencionado apenas superficialmente neste artigo, é a sociologização das ciências históricas, que precedeu o projeto da história social da literatura. Devem-se considerar aqui, sobretudo, as seguintes obras: WEHLER, *Geschichte als historische Sozialwissenschaft* (1973); LUDZ (org.), *Soziologie und Sozialgeschichte. Aspekte und Probleme* (1973); bem como WEHLER, *Modernisierungstheorie und Geschichte* (1975). A escrita da história da literatura foi, nesse contexto, transformada em uma história estrutural e social da literatura; a re-historicização da germanística ocorreu paralelamente ao movimento da historiografia social na Alemanha Ocidental. Esse desenvolvimento pode ser especialmente observado em *Volk ohne Buch. Studien zur Sozialgeschichte der populären Lesestoffe 1770–1910* (1970), de RUDOLF SCHENDA, assim como nos grandes projetos de história social, cujos fundamentos foram lançados nos anos 1970: BEUTIN et al., *Deutsche Literaturgeschichte in einem Band* (1979); ŽMEGAČ, *Geschichte der deutschen Literatur vom 18. Jahrhundert bis zur Gegenwart* (desde 1979); HANSER: *Sozialgeschichte der deutschen Literatur vom 16. Jahrhundert bis zur Gegenwart* (desde 1980); e GLASER, *Deutsche Literatur. Eine Sozialgeschichte* (desde 1980). Nesse contexto, é necessário mencionar ao menos as coleções criadas na década de 1970, como *Literatur im historischen Prozess* (desde 1973); *Studien zur Literatur- und Sozialgeschichte Spaniens und Lateinamerikas* (desde 1975); e o *Internationales Archiv für Sozialgeschichte der deutschen Literatur – IASL* (desde 1976).

las em um nível abstrato. A sua justificação, como se deve mostrar na conclusão, passa pelo caráter formal e pela historicidade da literatura.

3. Sociologia da Literatura como Sociologia das Formas e como disciplina histórica

A maneira literário-sociológica como a Escola de Zagreb compreende a si própria pode ser depreendida das palavras introdutórias do volume coletivo publicado em 1973: *Formalismo, estruturalismo e história. Sobre teoria literária e metodologia na União Soviética, Tchecoslováquia, Polônia e Iugoslávia* (FLAKER & ŽMEGAČ, 1974)¹⁵. Os pesquisadores literários da Universidade de Zagreb, na não-alinhada Iugoslávia, também tomaram posições teóricas e culturais para além dessas oposições tradicionais. Ao mesmo tempo, o exemplo da Escola de Zagreb mostra particularmente íntima interligação, ressaltada em recentes abordagens da história das ciências, entre os processos de produção de conhecimento científico, os ambientes culturais e as experiências do mundo vivido, pois trata-se de uma comunidade de comunicação que atravessa gerações, com especial coerência cognitiva e social (BÜSCHENFELD, 2001, p. 8; KLAUSNITZER, 2005, p. 37). Dessa maneira, ela esboçou em 1973, após 25 anos de pesquisa conjunta sobre a modernidade, um primeiro balanço e registrou, no prefácio do referido volume coletivo, que os estímulos iniciais vieram de diversas fontes. Lukács foi lido com a mesma atenção e espírito crítico que os formalistas russos, Staiger ou os New Critics. O que caracterizava o “círculo” em torno da revista de teoria literária geral *Umjetnost riječi*, publicada em Zagreb desde 1957, era apenas um forte interesse por questões teóricas e metodológicas da literatura, além da convicção de que a literatura é uma forma específica de atividade humana socialmente relevante, cuja lógica e estética particulares exigem um inventário conceitual de pesquisa à altura (FLAKER & ŽMEGAČ, 1974, p. 21). Justamente enquanto arte, a literatura é determinada historicamente, porque o caráter artístico específico de certos textos depende tanto do horizonte cultural de uma época quanto de formas de comunicação específicas de determinado contexto social (*Id.*).

Que, após um período de discussões aprofundadas sobre métodos, problemas e princípios de solução, tenha-se chegado a uma concepção comum, formulada

¹⁵ Neste ponto, é importante enfatizar mais uma vez que o presente texto analisa a Escola de Zagreb sob uma perspectiva histórico-teórica. Uma investigação dos contextos histórico-sociais e das influências políticas sobre o desenvolvimento da disciplina extrapola os limites deste estudo e precisaria ser realizada separadamente. Dentro de uma investigação desse tipo, seria especialmente necessário examinar a questão de se, e em que medida, o momento político-ideológico - tal como moldou o debate alemão sobre a sociologia da literatura e, por fim, o desenvolvimento de duas correntes distintas de estudos literários (uma na RFA, outra na RDA) - influenciou a discussão metodológica na Iugoslávia não alinhada.

programaticamente, pode ser compreendido com Kuhn como uma transição de um período anterior ao paradigma para uma pesquisa guiada por paradigma (KUHN, 1976, p. 62). De acordo com Kuhn, a adoção de um paradigma liberta a comunidade científica da obrigação de revisar continuamente seus princípios fundamentais. Isso pode ser aplicado à Escola de Zagreb (*Id.*, p. 175). Ela adotou o paradigma sociológico-literário, assumindo como próprias as questões relacionadas à explicação da relação entre literatura (ou arte) e sociedade. Também isso deve ser plenamente destacado no sentido de Kuhn, porque os problemas que surgiam com a adoção do paradigma sociológico-literário eram compreendidos como enigmas para os quais deveriam existir soluções. Isso é particularmente válido para o problema da transformação das formas simbólicas e sua correlação com as mudanças histórico-sociais; um problema cujo tratamento pela Escola de Zagreb, ao ser analisado mais de perto, se revela não apenas como uma “atividade de resolução de enigmas”, mas também como uma “empreitada altamente cumulativa” (*Id.*, p. 65). Mas de que maneira? Nos termos da Escola de Zagreb, pode-se dizer que os questionamentos formulados por volta de 1900 pelos pioneiros da sociologia da cultura, não por acaso, à luz da “promessa de desempenho” exigida das filologias nas décadas de 1960 e 1970, foram redescobertos, reconhecidos como não resolvidos e atualizados¹⁶. A Sociologia da forma e do estilo, como sublinha mais uma vez a citação a seguir, constitui a base para a definição da própria direção de pesquisa:

“Além daquelas áreas cuja relevância sociológica é incontestável (como a sociologia da mídia e do público), a sociologia da forma e do estilo deverá ocupar um espaço ampliado: com a tarefa de investigar o significado histórico-social dos recursos artísticos, normas e convenções literárias - e, com isso, obter conhecimentos que abram à análise estrutural “imaneente” o horizonte histórico necessário” (ŽMEGAČ, 1973, p. 264)¹⁷.

Tal formulação se deu numa época percebida pelos integrantes da Escola de Zagreb como contraditória e, justamente por isso, foi considerada provocadora do ponto de vista da sociologia das formas. Por um lado, categorias como o trágico, o idílico ou o humorístico pareciam, já nos anos 1970, ter perdido sua adequação à realidade da vida, passando a representar apenas “estereótipos literários”, por outro lado, eram justamente esses estereótipos - desvinculados de seu contexto original de surgimento - que continuavam a

¹⁶ Para uma análise da promessa do sucesso das filologias nas décadas de 1960 e 1970, ver: KLAUSNITZER, *Koexistenz und Konkurrenz* (2007, p. 19).

¹⁷ Faz-se referência a Barthes, Williams, Bourdieu e Habermas para indicar a quais tendências da teoria cultural mais recente é necessário recorrer a fim de construir a sociologia da literatura como uma disciplina histórica.

moldar formas de pensamento e a influenciar comportamentos (ŽMEGAČ, 1973, p. 282). Diante disso, uma sociologia da literatura compreendida como investigação da interação entre formas simbólicas e formas sociais mostrava-se relevante e via a si mesma como uma contribuição para uma história social geral.

Justamente no que diz respeito à própria autocompreensão como disciplina histórica, adotou-se em Zagreb, desde cedo, uma postura bastante decidida. “Em termos fundamentais”, afirmou Žmegač em 1973, “é necessário construir a sociologia da literatura como uma disciplina histórica, na qual a relação entre sincronia e diacronia, longe de qualquer oposição rígida, corresponda ao movimento próprio do objeto” (ŽMEGAČ, 1973, p. 263). E, de fato, a contribuição específica da Escola de Zagreb à sociologia da cultura da sociedade moderna reside em sua articulação entre “sociologia da forma” e história. Os conceitos literários, segundo esse argumento, não bastam para compreender a vida e a sobrevivência dos gêneros. Instituições formais - ou seja, os gêneros - só poderiam ser descritas de maneira adequada por meio de categorias imanentes à literatura. Mas ao se perguntar pelo prestígio social e pela duração da validade de um gênero, adentra-se “o domínio da história, no qual os critérios da sistemática já não bastam como fundamento” (ŽMEGAČ, 1993, p. 95). Por isso, segundo a concepção da Escola de Zagreb, os estudos literários necessitam, de forma imprescindível, de uma abordagem histórica. Na história reside o seu “brilho”, e isso é ainda mais verdadeiro considerando-se temas centrais da pesquisa como a modernidade e a vanguarda - uma história que se apresenta como um desafio, na medida em que se torna cada vez mais difícil de ser enquadrada no modelo diacrônico tradicional (*Id.*, p. 117).

O resultado do emprego de uma sociologia da literatura assim compreendida é a história da literatura alemã do século XVIII até o presente, desenvolvida pela Escola de Zagreb. Ela foi publicada a partir de 1979, em vários volumes e numerosas edições, tornando-se, de fato, formadora de escola para estudantes e docentes de literatura alemã. Nesse sentido, ela é um exemplo proeminente daqueles grandes projetos de história social cuja pedra fundamental foi lançada na década de 1970¹⁸. O próprio projeto da história social da literatura passou, pouco tempo depois, a ser considerado encerrado. Jürgen Fohrmann data o “abandono do paradigma” da história social da literatura para a primeira metade da década de 1980, “ou seja, exatamente no momento

¹⁸ Necessário mencionar aqui as seguintes obras: *Deutsche Literaturgeschichte in einem Band* (1979), de Beutin; *Sozialgeschichte der deutschen Literatur vom 16. Jahrhundert bis zur Gegenwart* (a partir de 1980), publicada pela Hanser; e ainda *Deutsche Literatur. Eine Sozialgeschichte* (a partir de 1980), de Glaser.

em que os projetos em vários volumes de uma história social da literatura começaram a ser concebidos e, muito lentamente, a ser publicados” (FOHRMANN, 2000, p. 110). Esse “abandono do paradigma” esteve ligado a uma “mudança de nomenclatura”, que Fohrmann descreve como um movimento da dedução para a relação, sendo esse movimento diretamente associado ao surgimento de um novo paradigma - o das ciências da cultura.

O foco característico das ciências da cultura nas relações entre cultura e sociedade já estava presente, como se pode pelo menos sugerir neste texto, na sociologia da cultura e na ciência da cultura em suas fases iniciais. Inevitavelmente, vêm à mente Simmel, mas também Cassirer e Adorno, quando, por exemplo, Voßkamp afirma que permanece como tarefa futura para uma historiografia literária orientada pelas ciências da cultura “analisar a literatura simultaneamente como sistema simbólico e como sistema social” (VOßKAMP, 1995, p. 37). Talvez as ciências da cultura, que passaram a se destacar cada vez mais na segunda metade da década de 1980, possam ser compreendidas também como um reconhecimento tardio e um desenvolvimento posterior de uma vertente específica dentro da sociologia da cultura e da literatura, centrada no conceito de forma¹⁹.

Por outro lado, parece certo que, como observou Lorenz Krüger, é somente a perspectiva da história das ciências que revela que a pesquisa interdisciplinar é o trabalho com problemas que sua disciplina ainda não encontrou. Isso se aplica de modo especial à questão interdisciplinar, tal como aqui se entende a sociologia da literatura. Nesse sentido, uma observação mais atenta de seu desenvolvimento confirma, por um lado, de modo geral, a validade da “ideia da contingência histórica das fronteiras disciplinares” (KRÜGER, 1987, p. 117). Por outro lado, ela revela a persistência de determinadas problemáticas. Surgidas num momento em que ainda não se tematizava a contingência histórica das fronteiras disciplinares, mas já se reconhecia a contingência histórica das formações sociais e culturais, elas são hoje atualizadas, em tempos de crescente consciência da contingência. Um exemplo dessa atualização da problemática

¹⁹ São exemplos, entre outros: Lichtblau, *Kulturkrise und Soziologie um die Jahrhundertwende. Zur Genealogie der Kulturosoziologie in Deutschland* (1996); Ludes, *Sozialwissenschaften als Kunst* (1997); bem como a redescoberta de conceitos-chave da sociologia da cultura e da literatura em sua fase inicial, como os de forma e estilo (especialmente os escritos de Georg Simmel) e os respectivos textos secundários relevantes, entre os quais: Dörr, *Die Kunst als Gegenstand der Kulturanalyse im Werk Georg Simmels* (1993); além de formas de saber e estilos de pensamento (especialmente os escritos de Karl Mannheim) e os respectivos textos secundários, entre os quais: Jung, *Die Seinsgebundenheit des Denkens. Karl Mannheim und die Grundlegung einer Denksoziologie* (2007) e Borboza, *Kunst und Wissen. Die Stilanalyse in der Soziologie Karl Mannheims* (2005).

literaturo-sociológica diante da ascensão das ciências da cultura é a seguinte pergunta formulada por Fotis Jannidis:

Se a literatura é determinada pela sociedade na qual ela surge, é transmitida e é recebida, e também exerce efeitos sobre essa sociedade e como se pode conceituar “sociedade”, “literatura” e sua relação de condicionamento mútuo de modo que a compreensão de ambas seja de fato aprofundada e não se acabe apenas por trivializar a sociedade, a literatura ou sua relação de condicionamento mútuo? (JANNIDIS, 2000, p. 336)

A solução da Escola de Zagreb, o tanto quanto possa ter ficado claro, defende a articulação entre a sociologia da forma e a historiografia cultural.

Para compreender melhor a articulação entre elementos da sociologia da forma e da história cultural, vale a pena examinar um ensaio mais extenso de Žmegač, intitulado *Categorias e orientações da sociologia da literatura*, publicado em 1989. O ensaio trata diretamente do problema da “disciplinarização conceitual de pontos de vista em parte contraditórios” no campo da pesquisa em sociologia da literatura. Ainda persiste uma oposição entre uma orientação alinhada às exigências e métodos da pesquisa empírica em ciências sociais e uma posição próxima à história literária tradicional, que busca articular análise textual e história social (ŽMEGAČ, 1989, p. 95). No entanto, começa a delinear-se um consenso, na medida em que, de ambos os lados, ganha força a concepção, de que a sociologia da literatura pode encontrar seu fundamento metodológico na “orientação pelo sistema de comunicação literária”, o que desloca o foco comum para a análise das interações entre as instâncias autor, obra, meio (ou instituição seletiva) e público (*Id.*). Pouco antes do surgimento de propostas teóricas fortemente orientadas pelo sistema de comunicação literária, como a do campo ou a do sistema, Žmegač faz um balanço crítico das posições no campo dos estudos literários, que - desde a segunda metade do século XVIII - representam uma “visão histórica da imbricação entre literatura e sociedade (*Id.*, p. 96).

Nesse contexto, são diagnósticos histórico-sociais como o da modernidade de Hermann Bahr que servem de ponto decisivo para a formulação de uma concepção da literatura como sistema de comunicação. Eles representam tentativas iniciais de compreender e conceitualizar como a ruptura da tradição - que, desde o final do século XVIII, se legitima como estética do individualismo artístico - não apenas deu origem a novas categorias da arte (originalidade e inovação) mas também a novas condições no trato com a arte (o mercado literário e as estratégias de captação da atenção) e, por fim, a novas formas artísticas (estética da negatividade, do feio e da perturbação). Nesse sentido, Žmegač acompanha as linhas que, por um lado, vão de Bahr a Benjamin e

culminam na estética moderna dos meios e da recepção, e, por outro lado, do jovem Lukács a Goldmann, Köhler e Schlaffer, até chegar a uma estilística de base histórico-social.

Como exemplo representativo da aplicação dessa última abordagem — e, ao mesmo tempo, como resposta à pergunta formulada por Jannidis — pode-se considerar a História do romance europeu, de Žmegač. Mesmo que isso não seja explicitamente destacado pelo autor, *O romance europeu. História de sua poética* pode ser lido como uma continuação do projeto de histórias cultural-sociológicas dos gêneros ou das formas, iniciado com a *História da evolução do drama moderno*, de Lukács. Nos projetos, tudo começa pelo fato incontornável da transformação histórica - primeiro como o declínio de uma forma literária, contextualizado historicamente dentro da hierarquia dos gêneros, mas também como o fascinante surgimento de uma forma que, a princípio, parecia completamente impossível:

O presente livro propõe-se a reconstituir a história de um gênero literário que, para inúmeros leitores em todo o mundo, é a própria personificação da literatura. Se isso sempre tivesse sido assim, a exposição teria perdido um de seus motivos centrais. O que torna o romance particular é, entre outras coisas, o fato de que sua trajetória, em quase nenhuma de suas fases, foi marcada por uma aceitação óbvia ou inconteste. Isso o torna um dos objetos mais fascinantes para a reflexão histórica (ŽMEGAČ, 1993, p. 23).

103

Para mostrar como algo que não era reconhecido como forma ou era uma forma indefinida tornou-se a própria personificação da literatura, Žmegač escreve não apenas uma história do romance, mas também uma história de sua teoria. Como não ocorrem deslocamentos radicais dentro do campo das formas simbólicas sem uma base programática, a trajetória da grande forma narrativa em prosa é apresentada principalmente a partir de escritos poetológicos, críticos e interpretações - todos eles “testemunhos da reflexão sobre as possibilidades do romance” (*Id.*, p. XI).

O estudo dos testemunhos da reflexão sobre as possibilidades do romance conduz, por sua vez, aos próprios constituintes da literatura e da disciplina que a estuda. Esse aprofundamento da autorreflexão literária e da complexidade metodológica torna-se particularmente evidente ao se observar a coletânea de ensaios *Tradição e inovação. Estudos sobre a literatura de língua alemã desde a virada do século*, cujo título já sinaliza a tensão entre continuidade e ruptura. Organizada por Žmegač em 1993, ela reúne majoritariamente ensaios escritos desde meados da década de 1980. Todos eles se

dedicam a um fenômeno que se poderia descrever como uma tradição da inovação. Não por acaso, o foco do “livro da virada do século” recai sobre a modernidade vienense, ou seja, sobre o surgimento de uma arte do estilo com a qual a artificialidade estética mencionada anteriormente, por um lado, afirmava de modo enfático seu direito próprio, e, por outro - como farão em seguida as vanguardas - realizava, graças à sua autonomia, os primeiros ensaios convincentes de transgressão para além do campo da arte (ŽMEGAČ, 1993, p. 7). Para melhor compreender essas estratégias crescentemente paralelas de delimitação e abertura, Žmegač recorre não apenas ao período em torno de 1800, mas também investiga os efeitos persistentes de motivos centrais de pensamento do século XIX na contemporaneidade. Para isso, articula investigações sobre poética dos gêneros com questões explicitamente europeias e com perspectivas da história cultural, da mentalidade e dos meios de comunicação, abordando temas como *Arte e ideologia na poética dos gêneros na virada do século*, *Tabus linguísticos e normas literárias*, ou ainda *Sobre as relações entre teoria do drama e teoria do cinema no início do cinema* (Id., p. 8).

Tal rede é sistematizada ainda nos anos 1990 como um “sistema de comunicação literária”, que se caracteriza pela tensão entre tradição e inovação e que - sobretudo com o debate sobre a pós-modernidade - se estende até a contemporaneidade²⁰. Não por acaso, é justamente a questão da distinção entre modernidade e pós-modernidade que desperta o interesse da Escola de Zagreb, especializada em pesquisas sobre vanguarda e modernidade. Tal questão é extrapolada numa obra de referência ligada à escola, o *Manual da literatura moderna em conceitos fundamentais* (1991). Na entrada redigida por Žmegač sobre os conceitos de “modernidade”, “modernismo” e “pós-modernidade”, contesta-se a leitura segundo a qual a pós-modernidade seria uma continuação radicalizada e/ou transgressora da modernidade, e argumenta-se isso da seguinte maneira: se a pós-modernidade for interpretada como uma continuação da modernidade, absolutiza-se um fenômeno secundário da modernidade - o pluralismo - e oculta-se o fenômeno primário - sua dinâmica progressiva por meio da inovação constante -, embora esse pluralismo seja, na verdade, uma consequência da tendência à inovação característica da modernidade. A salvação do fenômeno secundário pela eliminação do

²⁰ “O princípio da inovação e, com ele, a competição estética não deixaram de atuar. Para o amante da arte, a ligação com a virada do século passado é evidente; para o historiador, além disso, a raiz da nossa época está fincada no final do século XVIII. Mesmo a chamada pós-modernidade do nosso tempo - se não nos deixarmos distrair por fenômenos superficiais - é uma continuação da modernidade por outros meios. O princípio fundamental da surpresa estética, ainda que com retomadas de elementos há muito passados, continua sendo determinante” (Žmegač, 1993, p. 21).

primário leva a uma “revalorização radical do fenômeno da repetição, ao retorno dos estilos” e, com isso, ao epigonismo²¹.

A questão sobre se hoje lidamos predominantemente com o princípio do epigonismo ou se ainda operamos sob o princípio da inovação move a autocompreensão da sociedade contemporânea. O mesmo se aplica à estetização e, portanto, à conformação da sociedade. Trata-se de uma questão relevante que ocupa uma ciência especializada na relação entre arte ou cultura e sociedade. Uma contribuição significativa para sua resposta é o conceito de “mimesis invertida”, cunhado por Žmegač, entendido como “uma formulação paradoxal que contribui para uma teoria das tradições mentais e como um diagnóstico das formas de vida” nas quais a concepção da arte ocupa um lugar primário. O conceito dirige-se diretamente à relação entre arte e realidade, remonta à literatura e à arte do *fin de siècle*, e compreende - em diálogo com o esteticismo - a ideia de que não é a arte que imita a realidade, mas a realidade que imita a arte. Fixado como “prioridade estética”, Žmegač adota de forma consequente a posição da arte - uma posição que, na virada do século XX para o XXI, ganha plausibilidade.

A figura de pensamento da virada do século, “a realidade imita a arte”, não apenas se manteve, mas revela apenas agora, diante da crescente evidência da construção da realidade, todo o seu potencial (ŽMEGAČ, 1993, p. 45). É de se chamar a atenção, nesse contexto, para as obras que sintetizaram as reflexões sobre arte e sociedade: *A força da arte* (2013), de Christoph Menke, ou *A invenção da criatividade. Sobre o processo de estetização social* (2012), de Andreas Reckwitz, que comprovam de maneira convincente a força de atuação social da arte e, com isso, da mimesis invertida (ŽMEGAČ, 1990, p. 284; 1993, p. 28). O esteticismo europeu, que segundo Žmegač era ainda “quase” uma ideia orientadora nos anos 1990, revela-se hoje plenamente como tal, apenas com a ressalva de que a “história da *artificiosidade*”, exigida pelo principal representante da Escola de Zagreb, ainda não foi escrita. Mas essa tarefa deveria ser levada adiante e ninguém melhor para isso, como poderia ser de outra forma, que a área de pesquisa aqui apresentada.

²¹ Um exemplo conhecido da tese da continuidade ou radicalização é o *Invenção da criatividade*, de Andreas Reckwitz. Reckwitz segue o caminho inverso: ao afirmar que o fenômeno primário da modernidade, a inovação permanente, continua válido também para a pós-modernidade, ele descarta o fenômeno primário da pós-modernidade, ou seja, o pluralismo, e reinterpreta o fenômeno da inovação como criatividade (RECKWITZ, 2012, p. 291).

Referências

BAASNER, Rainer, *Methoden und Modelle der Literaturwissenschaft. Eine Einführung*, Berlin, Erich Schmidt, 1996.

BARNER, Wilfried / KÖNIG, Christoph (org.), *Zeitenwechsel. Germanistische Literaturwissenschaft vor und nach 1945*, Frankfurt a.M., Fischer, 1996.

BODEN, Petra / ROSENBERG, Rainer (org.), *Deutsche Literaturwissenschaft 1945–1965. Fallstudien zu Institutionen, Debatten, Personen*, Tübingen, Niemeyer, 1997.

BORCHMEYER, Dieter / ŽMEGAČ, Viktor, *Moderne Literatur in Grundbegriffen*, Tübingen, Niemeyer, 1991.

BÜSCHENFELD, Jürgen (org.), *Wissenschaftsgeschichte heute. Festschrift für Peter Lundgreen*, Bielefeld, Verlag für Regionalgeschichte, 2001.

DUKIĆ, Davor, *Kultur – Ein vernachlässigter Begriff am Anfang der modernen kroatischen Literaturwissenschaft*, In: KULCSÁR SZABÓ, Ernő / ORAIĆ TOLIĆ, Dubravka (org.), *Kultur in Reflexion. Beiträge zur Geschichte der mitteleuropäischen Literaturwissenschaften*, Wien, Braumüller, 2008, p. 47–57.

FLAKER, Aleksander / ŽMEGAČ, Viktor (org.), *Formalismus, Strukturalismus und Geschichte. Zur Literaturtheorie und Methodologie in der Sowjetunion, ČSSR, Polen und Jugoslawien*, Kronberg, Scriptor, 1974.

FOHRMANN, Jürgen, *Das Versprechen der Sozialgeschichte (der Literatur)*, In: HUBER, Martin / LAUER, Gerhard (org.), *Nach der Sozialgeschichte. Konzepte einer Literaturwissenschaft zwischen Historischer Anthropologie, Kulturgeschichte und Medientheorie*, Tübingen, Niemeyer, 2000, p. 105–112.

GÄRTNER, Marcus, *Kontinuität und Wandel in der neueren deutschen Literaturwissenschaft nach 1945*, Bielefeld, Aisthesis, 1997.

HUBER, Martin / LAUER, Gerhard (org.), *Nach der Sozialgeschichte. Konzepte für eine Literaturwissenschaft zwischen Historischer Anthropologie, Kulturgeschichte und Medientheorien*, Tübingen, Niemeyer, 2000.

JANNIDIS, Fotis, *Literarisches Wissen und Cultural Studies*, In: HUBER, Martin / LAUER, Gerhard (org.), *Nach der Sozialgeschichte. Konzepte einer Literaturwissenschaft zwischen Historischer Anthropologie, Kulturgeschichte und Medientheorie*, Tübingen, Niemeyer, 2000, p. 335–357.

KLAUSNITZER, Ralf, *Wissenschaftliche Schule*, In: DANNEBERG, Lutz / KLAUSNITZER, Ralf (org.), *Stil, Schule, Disziplin. Analyse und Erprobung von Konzepten wissenschaftsgeschichtlicher Rekonstruktion (I)*, Frankfurt a.M., Peter Lang, 2005, p. 31–64.

KLAUSNITZER, Ralf, *Koexistenz und Konkurrenz. Theoretische Umgangsformen mit Literatur im Widerstreit*, In: KLAUSNITZER, Ralf / SPOERHASE, Carlos (org.), *Kontroversen in der Literaturtheorie. Literaturtheorie in der Kontroverse*, Bern, Peter Lang, 2007, p. 15–48.

KRÜGER, Lorenz, *Einheit der Welt – Vielheit der Wissenschaft*, In: KOCKA, Jürgen (org.), *Interdisziplinarität. Praxis – Herausforderung – Ideologie*, Frankfurt a.M., Suhrkamp, s.d., p. 106–128.

- KUHN, Thomas, *Die Struktur wissenschaftlicher Revolution*, Frankfurt a.M., Suhrkamp, 1976.
- LÄMMERT, Eberhard, *Das überdachte Labyrinth. Ortsbestimmung der Literaturwissenschaft 1960–1990*, Stuttgart, Metzler, 1991.
- LEPSIUS, Rainer M., *Bemerkungen zum Verhältnis von Geschichtswissenschaft und Soziologie*, In: CONZE, Werner (org.), *Theorie der Geschichtswissenschaft und Praxis des Geschichtsunterrichts*, Stuttgart, Klett, 1972, p. 55–67.
- LICHTBLAU, Klaus, *Kulturkrise und Soziologie um die Jahrhundertwende. Zur Genealogie der Kultursoziologie in Deutschland*, Frankfurt a.M., Suhrkamp, 1996.
- LUKÁCS, Georg, *Zur Theorie der Literaturgeschichte (1910)*, In: ARNOLD, Heinz Ludwig (org.), *Georg Lukács, Text + Kritik* 39/40, 1973, p. 24–51.
- MAGERSKI, Christine, *Die Konstituierung des literarischen Feldes in Deutschland. Berliner Moderne, Literaturkritik und die Anfänge der Literatursoziologie*, Tübingen, Niemeyer, 2004.
- MITTELSTRASS, Jürgen, *Wissenschaftsreform als Universitätsreform*, In: VIETTA, Silvio / KEMPER, Dirk (org.), *Germanistik der 70er Jahre. Zwischen Innovation und Ideologie*, München, Fink, 2000, p. 129–145.
- MITTELSTRASS, Jürgen, *Die Stunde der Interdisziplinarität*, In: KOCKA, Jürgen (org.), *Interdisziplinarität. Praxis – Herausforderung – Ideologie*, Frankfurt a.M., Suhrkamp, s.d., p. 152–158.
- MITTELSTRASS, Jürgen, *Einheit und Transdisziplinarität: Eine Einleitung*, In: MITTELSTRASS, Jürgen (org.), *Einheit der Wissenschaften. Internationales Kolloquium der Akademie der Wissenschaften zu Berlin, Bonn 25.–27. Juni 1990*, Berlin / New York, s.d., p. 12–21.
- MÜLLER, Dorit, *Literaturwissenschaft nach 1968*, In: ANZ, Thomas (org.), *Handbuch der Literaturwissenschaft. Bd. 3*, Stuttgart / Weimar, Metzler, 2007, p. 147–190.
- MÜLLER, Hans Harald, *Die Lebendigen und die Untoten. Lassen sich Auseinandersetzungen zwischen Wissenschaftskonzeptionen als ›Kontroversen‹ rekonstruieren? Am Beispiel von Positivismus und Geistesgeschichte*, In: KLAUSNITZER, Ralf / SPOERHASE, Carlos (org.), *Kontroversen in der Literaturtheorie. Literaturtheorie in der Kontroverse*, Bern, Lang, 2007, p. 171–182.
- NELL, Werner / KIEFER, Bernd, *Zur Einführung. Tradition und Aktualität der Komparatistik im Zeitalter der Medien*, In: NELL, Werner / KIEFER, Bernd (org.), *Das Gedächtnis der Schrift*, Wiesbaden, DUV, s.d., p. 1–6.
- ORAIĆ TOLIĆ, Dubravka, *Viktor Žmegač und die Zagreber Schule: Von Immanentismus bis zur Kulturologie*, In: KULCSÁR-SZABÓ, Ernő / ORAIĆ TOLIĆ, Dubravka (org.), *Kultur in Reflektion*, Wien, Braumüller, 2008, p. 75–91.
- ORT, Claus-Michael, *Sozialwissenschaften*, In: ANZ, Thomas (org.), *Handbuch der Literaturwissenschaft. Bd. 2*, Stuttgart / Weimar, Metzler, 2007, p. 470–478.
- PINKERNEIL, Beate / PINKERNEIL, Dietrich / ŽMEGAČ, Viktor, *Literatur und Gesellschaft. Zur Sozialgeschichte der Literatur seit der Jahrhundertwende*, Frankfurt a.M., Fischer Athenäum, 1973.

RECKWITZ, Andreas, *Die Erfindung der Kreativität. Zum Prozess gesellschaftlicher Ästhetisierung*, Frankfurt a.M., Suhrkamp, 2012.

SCHARFSCHWERDT, Jürgen, *Grundprobleme der Literatursoziologie. Ein wissenschaftsgeschichtlicher Überblick*, Stuttgart, Kohlhammer, 1977.

ŠKREB, Zdenko / ŽMEGAČ, Viktor (org.), *Zur Kritik literaturwissenschaftlicher Methodologie*, Frankfurt a.M., Athenäum, 1973.

ŠKREB, Zdenko, *Die Wissenschaftlichkeit der Literaturforschung*, In: ŠKREB, Zdenko / ŽMEGAČ, Viktor (org.), *Zur Kritik literaturwissenschaftlicher Methodologie*, Frankfurt a.M., Athenäum, 1973, p. 9–50.

ŠKREB, Zdenko / SEKULIĆ, Ljerka / ŽMEGAČ, Viktor (org.), *Kleine Geschichte der deutschen Literatur von den Anfängen bis zur Gegenwart*, Frankfurt a.M., Athenäum, 1981.

STICHWEH, Rudolf, *Zur Entstehung des modernen Systems wissenschaftlicher Disziplinen. Physik in Deutschland 1740–1890*, Frankfurt a.M., Suhrkamp, 1984.

VIETTA, Silvio / KEMPER, Dirk (org.), *Germanistik der 70er Jahre. Zwischen Innovation und Ideologie*, München, Fink, 2000.

WEDEL, Erwin, *Beiträge der »Zagreber Schule« zur Literaturwissenschaft*, In: *Sprachen und Literaturen Jugoslawiens*, 1985, p. 191–198.

VOBKAMP, Wilhelm, *Literaturwissenschaft als Geisteswissenschaft. Thesen zur Geschichte der deutschen Literaturwissenschaft nach dem Zweiten Weltkrieg*, In: PRINZ, Wolfgang / WEINGART, Peter (org.), *Die sog. Geisteswissenschaften. Innenansichten*, Frankfurt a.M., Suhrkamp, 1990, p. 240–247.

VOBKAMP, Wilhelm, *Einheit in der Differenz. Zur Situation der Literaturwissenschaft in wissenschaftshistorischer Perspektive*, In: JÄGER, Ludwig (org.), *Germanistik. Disziplinäre Identität und kulturelle Leistung*, Weinheim, Beltz Athenäum, 1995, p. 29–45.

ŽMEGAČ, Viktor, *Kunst und Wirklichkeit. Zur Literaturtheorie bei Brecht, Lukács und Broch*, Bad Homburg / Berlin / Zürich, Gehlen, 1969.

ŽMEGAČ, Viktor (org.), *Marxistische Literaturkritik*, Bad Homburg, Athenäum, 1970.

ŽMEGAČ, Viktor (org.), *Methoden der deutschen Literaturwissenschaft. Eine Dokumentation*, Frankfurt a.M., Athenäum, 1971.

ŽMEGAČ, Viktor (org.), *Der wohltemperierte Mord. Zur Theorie und Geschichte des Detektivromans*, Frankfurt a.M., Athenäum, 1971.

ŽMEGAČ, Viktor, *Probleme der Literatursoziologie*, In: ŠKREB, Zdenko / ŽMEGAČ, Viktor (org.), *Zur Kritik literaturwissenschaftlicher Methodologie*, Frankfurt a.M., Fischer Athenäum, 1973, p. 253–282.

ŽMEGAČ, Viktor (org.), *Geschichte der deutschen Literatur vom 18. Jahrhundert bis zur Gegenwart*, 3 Bde., Königstein / Frankfurt a.M., Athenäum, 1978–1984.

ŽMEGAČ, Viktor, *Kategorien und Orientierungen der Literatursoziologie*, In: FALK, Walter / ŽMEGAČ, Viktor / BRUDE-FIRNAU, Gisela (org.), *Literaturwissenschaftliche Betrachtungsweisen II*, Frankfurt a.M., Peter Lang, 1989, p. 95–149.

ŽMEGAČ, Viktor, *Der europäische Roman. Geschichte seiner Poetik*, Tübingen, Niemeyer, 1990.

ŽMEGAČ, Viktor, *Tradition und Innovation. Studien zur deutschsprachigen Literatur seit der Jahrhundertwende*, Wien, Böhlau, 1993.

ŽMEGAČ, Viktor, *Od Bacha do Bauhauza. Povijest njemačke kulture*, Zagreb, Matica hrvatska, 2006.